

Eixo Temático ET-06-001 - Recuperação de Áreas Degradadas

**AVALIAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS NO BIOMA CAATINGA**

José Deomar de Souza Barros

Licenciado em Ciências com Habilitação em Biologia e em Química pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Especialista em Agroecologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Especialista em Ensino de Química pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Mestre e Doutorando em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Bolsista do CNPq – Brasil. E-mail: deomarbarros@gmail.com

**RESUMO**

O presente estudo teve por objetivo avaliar áreas degradadas no bioma Caatinga. A pesquisa foi realizada na comunidade rural Serra da Arara no Município de Cajazeiras-PB, no período de 4 a 18 de fevereiro de 2013. Os resultados demonstram que o bioma Caatinga apresenta uma relevante biodiversidade, estes ambientes tem passado por um processo histórico de degradação e que as áreas degradadas necessitam passar por um processo de recuperação tendo em vista a necessidade de mitigação do processo de desertificação.

**Palavras-chave:** áreas degradadas, Caatinga, biodiversidade.

**INTRODUÇÃO**

Segundo Neves et al. (2010), o semiárido brasileiro compreende todos os estados do nordeste além da região norte do Estado de Minas Gerais e nordeste do Espírito Santo, abrangendo uma área de 969.584,4 km<sup>2</sup>, sua população estimada é de 21 milhões de pessoas, correspondendo a 11% da população brasileira constituindo a região semiárida mais populosa do planeta.

Nesta região, a presença de períodos prolongados de baixa pluviosidade é constante, concomitantemente a isso durante os períodos de estiagem ocorre um aumento significativo da temperatura provocando assim altos índices de evaporação da água presente nos reservatórios (SANTOS; SILVA, 2009). A variação nos índices pluviométricos nesta região é um fato, mas, apesar da irregularidade e má distribuição nas ocorrências de chuvas, o semiárido no Brasil é uma das regiões mais úmidas (média de 750 mm) em relação a outras regiões semiáridas do planeta (SILVA et al., 2006).

O semiárido nordestino, devido à escassez, apresenta baixa disponibilidade de água, isto constitui relevante limitação para o desenvolvimento socioeconômico da população rural. Além disso, o acesso limitado à água provoca impactos negativos na saúde da família (XAVIER, 2010). Nas últimas décadas podem-se observar mudanças relativas ao paradigma de combate à seca, se anteriormente a luta era para combater a seca agora a ênfase se volta para a convivência com o semiárido, tendo em vista que se adotado políticas públicas e práticas sustentáveis esta convivência torna-se uma realidade. Neste contexto, a captação da água de chuva torna-se uma alternativa viável que somando as outras políticas públicas, contribuiu com o desenvolvimento sustentável da região, uma destas alternativas de melhor custo-benefício é a construção de cisternas. Neste sentido, a instalação de sistemas de captação de água de chuva e seu uso racional tornam-se uma alternativa viável, representando assim uma contribuição efetiva para o acesso equitativo ao uso da água por todos os cidadãos (PONTES; MACHADO, 2009).

Embora as atividades agropecuárias representem relevância na composição da estrutura de renda da população rural, destaca-se a importância de outras atividades econômicas que permitem a exploração dos recursos naturais locais em sintonia com a valorização da natureza. Ou seja, faz-se necessário o desenvolvimento de atividades que promovam a imagem de uma determinada localidade através do desenvolvimento de bens primários de qualidade, artesanato tradicional, atividades culturais e de lazer, entre outras atividades (SÁ; SOUZA, 2012).

Diante do exposto o presente trabalho teve por objetivo identificar o uso das tecnologias da informação e comunicação como facilitadoras do trabalho docente voltado à educação ambiental.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa foi realizada na comunidade rural Serra da Arara no Município de Cajazeiras no Estado da Paraíba. Na área de estudo foram demarcadas 3 subáreas, ao acaso, de 100 m<sup>2</sup> (10 m x 10 m), duas áreas degradadas e uma área de mata nativa como referência. Em cada parcela foi realizado o levantamento e a avaliação da flora existente, por meio da contagem das plantas, separadas em espécie e quantidade. Nos casos em que não foi possível identificar uma determinada espécie, foi realizada a fotografia em câmeras digitais e posteriormente foi feita a amostragem (colheita de partes das plantas) para posteriormente consulta a atlas botânicos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após verificação dos dados constatou-se que apesar das áreas estarem degradadas, foi possível identificar uma vasta quantidade de flora da Caatinga, em todas as parcelas amostradas.

Verificou-se que a área de referência apresentou um alto índice de espécies florestais da Caatinga, a exemplo de Angico (*Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenan), Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. Allem), Juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.), Mororó (*Bauhinia cheilantha* (Bong.) Steud.), Mofumbo (*Combretum leprosum* Mart.), Pereiro (*Aspidosperma pyriforme* Mart.), Jurema preta (*Mimosa acutistipula* (Mart.) Benth.), Catingueira (*Caesalpinia pyramidalis* Tul.), Marmeleiro (*Croton sonderianus* Muell. Arg), entre outras espécies.

Na área degradada I em relação à área de referência foi verificado um número inferior de espécies florestais nativas, indicando a relevância da manutenção da floresta nativa da Caatinga para o bom funcionamento desse ambiente, dentre os fatores que contribuíram para a redução acentuada da vegetação nativa destaca-se as condições climáticas locais e especialmente a intervenção antrópica por meio da derrubada da vegetação nativa para o desenvolvimento de atividades econômicas a exemplo do plantio anual e produção do carvão.

Na área degradada II foi verificado um alto índice de degradação, especialmente por estar localizada próximo a comunidade esta região sofreu mais intensamente o processo de impactos ambiental, estando presente com frequência apenas espécies pioneiras a exemplo da Jurema preta (*Mimosa acutistipula* (Mart.) Benth.).

Neste sentido, destaca-se a relevância de um trabalho de recomposição de vegetação nas áreas degradadas, mudanças de atitudes dos atores sociais locais e adoção de políticas públicas, com vistas a suprir as necessidades das gerações futuras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados demonstram que o bioma Caatinga apresenta uma relevante biodiversidade, estes ambientes tem passado por um processo histórico de degradação e

que as áreas degradadas necessitam passar por um processo de recuperação tendo em vista a necessidade de mitigação do processo de desertificação.

### **REFERÊNCIAS**

NEVES, R.S.; MEDEIROS, J.C.A.; SILVEIRA, S.M.B.; MORAIS, C.M.M. Programa Um Milhão de Cisternas: guardando água para semear vida e colher cidadania. **Revista Agriculturas**, v. 7, n. 3, p. 7-11, 2010.

PONTES, E.T.M.; MACHADO, T.A. Programa um milhão de cisternas rurais no nordeste brasileiro: políticas públicas, desenvolvimento sustentável e convivência com o semi-árido. In: XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária. São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo: USP, 2009.

SÁ, V.C.; SOUZA, B.I. Convivência com o semiárido: Desafios e possibilidades de uma comunidade rural. **Revista de Globalizacion, Competitividad y Gobernabilidad**, v. 6, n. 2, p. 46-65, 2012.

SANTOS, M.J.; SILVA, B.B. Análise do modelo conceitual e tecnológico do programa cisternas rurais em Sergipe. **Revista Engenharia Ambiental**, v. 6, n. 2, p. 464-483, 2009.

SILVA, C.V. **Qualidade da água de chuva para consumo humano armazenada em cisternas de placa. Estudo de caso: Araçuaí, MG.** 2006. Dissertação (Mestrado em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos) - Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais - MG, 2006.

XAVIER, R.P. **Influência de barreiras sanitárias na qualidade da água de chuva armazenada em cisternas no semiárido paraibano.** 2010. 130f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – PB, 2010.